

SENSIBILIDADES COMUNICACIONAIS NO CONCRETO DA CIDADE: DERIVAS E ETNOGRAFIA DE RUA NO PARQUE MINHOCÃO/SP

COMMUNICATIONAL SENSIBILITIES IN THE CONCRETE OF THE CITY: DRIFTS AND STREET ETHNOGRAPHY IN MINHOCÃO PARK/SP

SENSIBILIDADES COMUNICACIONALES EN EL CONCRETO DE LA CIUDAD: DERIVAS Y ETNOGRAFÍA DE CALLE EN EL PARQUE MINHOCÃO/SP

*Simone Luci Pereira
Andreia Lazzari Chiovatto*

Resumo: O artigo apresenta aspectos de pesquisa em curso que investiga sentidos de socialidades/convivialidades e usos da cidade no Parque Minhocão/São Paulo. O foco deste artigo é apresentar uma abordagem metodológica que articula conceitos advindos da Antropologia, Comunicação e Urbanismo – etnografia das ruas (ROCHA; ECKERT, 2003), derivas e errâncias (JACQUES, 2012; CARERI, 2013) – e sua aplicação na análise das dimensões sensíveis do viver urbano que se dão nesta territorialidade urbano-comunicacional e seu entorno, sem desconsiderar as dimensões estruturais e materiais ali presentes. Percebem-se as formas pelas quais questões socioculturais e sensíveis mostram-se articuladas aos aspectos de socialidades, convivialidades, ativismos diversos e gentrificação, interpretando as tensões e contradições entre a imagem de uma cidade acolhedora na parte superior e a realidade encontrada na parte inferior do parque elevado.

Palavras-chave: Comunicação urbana. Cidade. Deriva. Etnografia. Parque Minhocão

Abstract: The article presents aspects of an ongoing research that investigates the meanings of sociality/conviviality and uses of the city in Minhocão Park, São Paulo. The focus of this article is to present a methodological approach that integrates concepts from Anthropology, Communication, and Urbanism – street ethnography (ROCHA; ECKERT, 2003), drifts and wanderings (JACQUES, 2012; CARERI, 2013) – and its application in the analysis of the sensitive dimensions of urban living that occur in this urban-communicational territoriality and its surroundings, without disregarding the structural and material dimensions present there. It observes the ways in which sociocultural and sensitive issues are articulated with aspects of sociality, conviviality, gentrification, and various forms of activism, interpreting the tensions and contradictions between the image of a welcoming city on the upper part and the reality found on the lower part of the elevated park.

Keywords: Urban Communication. City. Drift. Ethnography. Minhocão Park

Resumen: El artículo presenta aspectos de una investigación en curso que investiga los sentidos de la sociabilidad/convivialidade y usos de la ciudad en el Parque Minhocão en São Paulo. El enfoque de este artículo es presentar un abordaje metodológico que combina conceptos provenientes de la Antropología, Comunicación y Urbanismo - etnografía de las calles (ROCHA; ECKERT, 2003), derivas y deambulaciones (JACQUES, 2012; Careri, 2013) - y su aplicación en el análisis de las dimensiones sensibles de la vida urbana que ocurren en esta territorialidad urbano-comunicacional y su entorno, sin dejar de tener en cuenta las dimensiones estructurales y materiales presentes allí. Se observan las formas en que las cuestiones socioculturales y sensibles se articulan con aspectos de sociabilidad, convivencia, gentrificación y activismos, interpretando las tensiones y contradicciones entre la imagen de una ciudad acogedora en la parte superior y la realidad encontrada en la parte inferior del parque elevado.

Palabras clave: Comunicación urbana. Ciudad. Deriva. Etnografía. Parque Minhocão.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo¹ aborda aspectos de pesquisa em andamento que analisa os sentidos socioculturais e comunicacionais dos usos da cidade e suas dinâmicas no Parque Minhocão, em São Paulo/SP. Trata-se de um viaduto, chamado Minhocão – construído nos anos 1970 – e que, desde aquele momento, é objeto de discussões e críticas por ter criado uma espécie de cicatriz de concreto numa cidade que tinha (e ainda tem), como prioridade, o fluxo e mobilidade de automóveis. Após longo período de reivindicações e lutas de grupos e coletivos, e demais setores da sociedade, desde 2014, o viaduto é destinado ao lazer para pedestres, ciclistas e transeuntes em alguns dias e horários da semana.

Com uma metodologia de pesquisa de campo, que combina perspectivas advindas do Urbanismo e das Artes (derivadas, errâncias e transurbâncias) e da Antropologia e Comunicação (etnografia de rua) para construir formas sensíveis de compreender a cidade, analisamos, neste artigo, como se constituem formas de socialidades, pertencimentos e usos, e apropriações da cidade neste território. Mais ainda, compreendemos o Parque Minhocão como territorialidade urbano-comunicacional (PEREIRA *et al*, 2024) capaz de construir sentidos de comunicação urbana que conecta - e também põe em conflito e negociação - pessoas, convivialidades, ativismos e imaginários políticos urbanos e sociais, elaborando maneiras de ocupar e se apropriar da cidade e formas de estar juntos nela.

É possível perceber um paradoxo no que diz respeito ao parque: a parte superior do Elevado e a parte inferior abaixo do elevado e seus entornos (imediações das ruas Amaral Gurgel, Consolação, Martim Francisco, Major Sertório e Albuquerque Lins). Se na parte de cima, nos finais de semana e feriados, vê-se indícios de uma cidade acolhedora, dos encontros, convívios e lazer - com a presença de grafites e murais nos prédios ao redor que tratam de inclusão e afirmação de identidades -, na parte inferior, impera e

permanece a cidade da exclusão social, das desigualdades, da violência e do abandono urbano, envolvidas por aspectos de gentrificação da região (em bairro como Santa Cecília, Vila Buarque, Barra Funda) promovidas também – entre outros aspectos – pela presença do parque.

O artigo se inicia trazendo aspectos das dinâmicas históricas do elevado e das lutas e debates por parte da sociedade e do poder público – que ainda estão em transformação – pela sua remoção ou sua existência como parque público, ligadas às dimensões de direito à cidade (LEFEBVRE, 2001; HARVEY, 2012). Em seguida, são abordados os aspectos metodológicos que orientam esta análise, com a discussão sobre a etnografia de rua (ROCHA; ECKERT, 2003), o caminhar pela cidade como prática estética e política (CARERI, 2013), e as errâncias como forma de busca pela alteridade na cidade (JACQUES, 2012); todas se conjugam na perspectiva deste artigo, sendo usadas como modo de dar a ver as configurações sensíveis da urbe e de aspectos pouco explícitos sem uma visão de terreno. Após isso, são trazidos alguns dados produzidos nesta prática de pesquisa, analisando alguns elementos construídos pela pesquisa de campo, seguidos das considerações finais.

2. DO MINHOCÃO AO PARQUE MINHOCÃO

Deve-se aclarar que o Parque Minhocão não é um parque como tantos outros das cidades, uma vez que não funciona como tal em todos os momentos e não possui área verde ou mesmo árvores. Trata-se de um viaduto, o Elevado João Goulart, importante via da cidade que conecta a zona oeste ao centro da cidade e faz parte da interligação leste-oeste. Possui 3,4 quilômetros de via elevada que liga leste a oeste e passa por cima da Rua Amaral Gurgel e da Avenida São João, perpassando parte da cidade de São Paulo, na região da República, Vila Buarque, Santa Cecília (maior parte) e Barra Funda; leva como marca o apelido “Minhocão”².

Todos os dias, entre 20h e 6h da manhã e, nos feriados, sábados e domingos,

ele é fechado aos veículos automotores, ficando aberto para pedestres, ciclistas, transeuntes (das 20h às 22h, durante a semana, e das 7h às 22h aos sábados, domingos e feriados). Nestes momentos, é usado e apropriado como parque. Este uso foi autorizado pela prefeitura desde 2014, e faz parte de inúmeras outras reivindicações pelo uso da cidade – por parte de grupos, coletivos e associações da sociedade civil – que ganharam visibilidade em São Paulo na década de 2010 (PEREIRA; RETT; BEZERRA, 2021).

O Elevado, de acordo com as informações do site da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), foi inaugurado em janeiro de 1971 e até 1976 funcionava 24 horas por dia para o tráfego de veículos. Ele surgiu como uma proposta de solução para o tráfego intenso na cidade de São Paulo. O Minhocão também é chamado de "ferida urbana" de São Paulo por ser um imenso viaduto na área central que trouxe vários prejuízos para a população desde sua construção, típica de um urbanismo autoritário (foi construído em plena ditadura civil-militar, em 1971), que planeja os espaços sem a participação popular e, numa visão funcionalista de cidade, busca conectar áreas distantes e garantir melhor fluxo de mercadorias e de pessoas, priorizando automóveis.

De acordo com Campos (2020), o fracasso urbano do Minhocão se explicita pelo fato de terem feito apenas uma transferência do transtorno a um piso superior. A apenas cinco metros de distância das residências em prédios (construídas antes do viaduto), milhares de famílias do seu entorno foram importunadas por barulho, calor e poluição, tornando claro que a obra criava um deserto na cidade.

Nos anos 1970 e 1980, após a sua inauguração, o Minhocão foi inicialmente bem recebido por grande parte da população como uma solução para o tráfego intenso no centro de São Paulo. Ao longo dos anos, no entanto, surgiram as primeiras críticas sobre os impactos negativos do elevado na região, como poluição sonora e desvalorização imobiliária. Em 1976, foi proibido o tráfego

de caminhões no período noturno, a fim de reduzir o barulho e melhorar a qualidade de vida dos moradores próximos. Já entre as décadas de 1990 e 2000, a discussão sobre a destinação do Minhocão ganhou força e várias propostas foram apresentadas, incluindo a transformação do elevado em um parque linear, com áreas verdes e espaços de lazer. No entanto, essas propostas não avançaram totalmente devido a questões políticas, jurídicas e orçamentárias.

Contudo, mesmo sendo alvo de diversas críticas, o Elevado foi se adaptando ao longo dos anos para acolher as pessoas. Desde 2014, ele é fechado nos fins de semana e à noite para os carros, possibilitando que as pessoas usem o espaço para atividades físicas, recreativas e culturais. Além disso, murais de grafite nas laterais dos edifícios no percurso do viaduto tornaram o local um ponto atrativo e até turístico. Essa medida foi implementada em caráter experimental e teve uma recepção positiva por parte da população, abrindo caminho para debates mais amplos sobre a revitalização do elevado. Em 2018, foi assinada a lei que instruiria o Parque Minhocão, acompanhando de um PIU - Plano de Intervenção Urbana para sua transformação num parque com mais acessibilidade, escadas, elevadores, áreas verdes, desativando paulatinamente o uso destinado aos veículos.

Isso gerou debates sobre sua possível demolição ou reforma como parque, e tem sido tema de reportagens, estudos e legislações, sendo ainda hoje tema em disputa. Os que advogam sobre a manutenção da via elevada e sua transformação em parque, usam como referência exemplos internacionais, tais como o High Line Park, em Nova York, ou o Coulée Verte René-Dumont, em Paris, ambos antigas vias férreas elevadas transformadas em parques públicos suspensos. Mas esta importação de modelos não está livre de oposições e críticas, asseverando sobre as diferenças de contextos sociais e urbanos, a própria diferença nas estruturas e nos espaços físicos, bem como a dimensão cosmética de embelezar a parte de cima e esquecer a parte de baixo, que

seguiria com os mesmos problemas atuais.

O contexto do Minhocão sempre foi questionado e reivindicado politicamente pelos moradores exigindo o direito ao morar com qualidade de vida no centro de São Paulo. As reivindicações sociais no século XXI - em nível global - têm sido cada vez mais voltadas a discutir e reivindicar os espaços urbanos, colocando o futuro das cidades como pauta fulcral (HARVEY, 2012). Em São Paulo não tem sido diferente: desde a década de 2010, tem ficado cada vez mais visível a luta de grupos, coletivos e associações que reivindicam uma cidade mais justa, acolhedora, democrática, com espaços públicos de lazer e voltado para as pessoas³. Uma ideia de direito à cidade lefreviana que hoje vai sendo acionada e atualizada em termos de direito ao uso e pertencimento na cidade, especialmente suas áreas centrais (PEREIRA; BEZERRA, 2021).

Nesse contexto, ganhou força o movimento pela desativação permanente do Minhocão como via de tráfego de veículos. As diversas questões locais levantadas principalmente pelos moradores, ativistas e urbanistas são fundamentais para o desenvolvimento urbano e social das cidades brasileiras, especificamente no espaço do entorno do Minhocão. Segundo Campos (2020), entre essas questões, podemos destacar a necessidade de melhorar a qualidade de vida e o bem-estar dos moradores que sofrem com o barulho, a poluição e a falta de privacidade causados pelo tráfego intenso de veículos no elevado.

Outra questão importante é a promoção do uso social e cultural do espaço, oferecendo atividades de lazer, esporte, cineclube, arte e educação para a população. O Minhocão pode ser um local de socialidades urbanas, diversão e construção de espaços vivos de encontro e convivialidade na cidade, abrigando diversas intervenções urbanas, como grafites, murais e instalações que valorizam a expressão artística e as identidades sociais plurais. Isso contribui ainda para a revitalização do centro da cidade, estimulando o comércio, o

turismo e a geração de emprego e renda.

Caiafa (2002) afirma que as cidades geram um poderoso espaço de exterioridade que se opõe tanto ao interior dos espaços fechados quanto à interioridade do sujeito; e essa heterogeneidade ativa dispersa focos de identidade e as recorrências do familiar, introduzindo, portanto, variação nos processos subjetivos. A autora complementa que a descrição da produção subjetiva nas diferentes configurações urbanas é uma tarefa da etnografia das cidades e importante para que se entenda a especificidade da experiência metropolitana. O contexto urbano permite explorar importantes aspectos a respeito dos seus processos comunicativos. Caiafa (2002) afirma que a cidade é a convergência de fluxos diversos que provocam um território heterogêneo, o que já configura um espaço comunicacional. Portanto, o experienciar a cidade e a alteridade já é uma formulação de afetação de comunicação a partir desses fluxos de diferenciações.

A valorização do patrimônio histórico e arquitetônico da região também é uma questão importante como prática política que garante o direito à presença e ao presente (CHUVA, 2020), visibilizando a memória e a identidade dos moradores antigos e novos. O elevador é uma obra que marca a história da urbanização da cidade e pode ser preservada e resignificada, integrando-se ao contexto atual e às demandas da população. É possível reduzir os impactos ambientais negativos do elevador, como a emissão de gases poluentes, o aumento da temperatura e a impermeabilização do solo. O elevador pode ser adaptado para receber áreas verdes, como jardins suspensos ou hortas comunitárias, que contribuem para a melhoria da qualidade do ar, do clima e do solo. Assim, pode-se aproveitar o espaço ocioso do elevador como uma área de lazer, cultura e convivência para a população.

O engajamento da comunidade local e outros atores interessados na causa do parque linear gerou a “Associação Parque Minhocão” e, por meio de eventos,

reuniões, campanhas e mobilizações ao longo dos anos, contribuiu para conscientizar a população sobre os benefícios que a transformação do Minhocão poderia trazer para seu entorno. A associação buscou parcerias com instituições públicas e privadas e recebeu apoio de órgãos governamentais para viabilizar a criação do parque linear. Ela desenvolveu projetos e propostas para a transformação do Minhocão em um parque linear levando em consideração aspectos como requalificação urbanística, integração com a paisagem urbana, preservação do patrimônio histórico-cultural, acessibilidade e sustentabilidade ambiental.

A Associação Parque Minhocão estabeleceu um diálogo construtivo com as autoridades municipais e estaduais responsáveis pela gestão do Minhocão com propostas, argumentos e estudos para influenciar as decisões políticas e apoiar a concretização do projeto do parque linear. Apesar dos desafios e da resistência de alguns setores da sociedade, bem como de questões jurídicas e financeiras, a associação obteve avanços significativos nos últimos anos. Neste contexto, mostra-se importante a busca por um consenso sobre a melhor forma de transformar o Minhocão em um espaço público que possa ser aproveitado, usufruído e ocupado pela população não apenas do entorno, mas de toda a cidade, asseverando o sentido lefevriano de direito à cidade.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHAR COMO PRÁTICA ESTÉTICA, SENSÍVEL E POLÍTICA

A metodologia envolve a utilização da etnografia como abordagem de pesquisa, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas e das experiências vivenciadas no território do Parque Minhocão e seus entornos. Olhar para a cidade, a partir de abordagem etnográfica, é uma maneira de resgatar a importância e a complexidade do espaço público como um lugar de encontro e de convivência, de diálogo e de troca entre as diferentes culturas e modos de vida que coexistem na cidade. A etnografia que vem sendo realizada no parque Minhocão e seu entorno utiliza-se do caminhar,

observar, anotar e deixar-se afetar pelas dimensões sensíveis da experiência urbana da alteridade; e se vale também da consulta e análise de textos históricos, mapas, folders, fotografias, vídeos e guias que exploram imagens e contextos do local, em uma aposta sempre aberta às possibilidades de renovação do pensamento e reflexão (ROCHA; ECKERT, 2003).

Para Rocha e Eckert (2003), a cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência; uma estrutura de relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia. Portanto, o caminhar como ferramenta de pesquisa é um deslocamento que proporciona uma experiência de percepção estética de memórias e narrativas coletivas que provocam reflexões e significações sobre o território urbano e suas multiplicidades. De acordo com Raposo (2019), o trabalho etnográfico deve buscar novas maneiras de perceber o ambiente, libertando-se das restrições das palavras.

Compreende-se a etnografia de rua (ROCHA; ECKERT; 2003) como um deslocamento na cidade, caminhando sistematicamente por suas ruas e outros espaços públicos, numa preocupação, segundo as autoras, que articula “a pesquisa antropológica ao paradigma estético na interpretação das figurações da vida social na cidade” (ROCHA; ECKERT, 2003, p. 3). Ou seja, entende-se a dimensão cognitiva e sensível como um dos elementos e fontes de investigação. Esta abordagem pode ser complementada com noções advindas do campo do Urbanismo que salientam que caminhar pela cidade é também uma prática estética e política (CARERI, 2013). Além de permitir descobrir a cidade de uma maneira significativa, percebendo as múltiplas camadas por trás de cada esquina e de cada interação social, o caminhar é também possibilitador da experiência urbana da alteridade, do encontro da diferença (CAIAFA, 2002) e da comunicação dos corpos e destes com a cidade.

Careri (2013) entende as andanças pela cidade sem destino pré-estabelecido

como prática estética e como forma de intervenção urbana, supondo uma metodologia experimental de investigação dos territórios urbanos que permita compreender os “espaços intermediários”, os “vazios”, as “amnésias urbanas”, ou seja, aqueles espaços não espetacularizados (JACQUES, 2012), conhecidos ou visíveis, mas que podem ser vistos na escala do corpo, na experiência corporal e sensível advindas da prática do caminhar. E esta perspectiva tem inspiração na noção de deriva, trazida pelos situacionistas nos anos 1950/60, que pensavam o caminhar sem rumo preciso como estratégia para conhecer e se apropriar da cidade, percebendo suas brechas e aberturas possíveis para a construção de situações urbanas do encontro e da partilha de experiências e fruição, contra os sentidos da cidade capitalista do espetáculo (DEBORD, 1960).

Em nossa pesquisa, para além de caminhar pela parte superior do Elevado – o Parque Minhocão – temos também caminhado pela parte inferior do viaduto, território bastante degradado, esquecido e marginalizado, percebendo as diferenças entre estes espaços, como abordaremos na próxima sessão. Nesse sentido, dialogamos com os sentidos apontados por Careri (2013), na medida em que ultrapassamos os “muros” (visíveis ou invisíveis) da cidade conhecida para notar e compreender o que está ao redor, os “outros urbanos”, como margens da cidade que não estão nos guias turísticos; e que podem ser compreendidos como espaços indeterminados, intersticiais, plenos de vazios e cicatrizes, mas também plenos de possibilidade de descobertas e transformações. Nesse sentido, estas transurbâncias - como nomeia Careri (2013) - assumem dimensões ao mesmo tempo estéticas e políticas, em que a *aesthesis* se mostra ligada à criação, interação e intervenção na cidade, dando a ver outros territórios, outros sujeitos e outros sentidos de comunicação que ali se elaboram na formulação de arquipélagos interligados.

Isso se articula com os apontamentos de Jacques (2012), quando a autora faz um “elogio aos errantes” para se referir às experiências urbanas que se

constituem na *flanêrie*, nas *deambulações* e nas *derivas*; segundo a autora, trata-se de três práticas concebidas em três momentos históricos diferentes, sempre como respostas aos planos urbanísticos hegemônicos de disciplinarização da cidade. Todas estas, seriam propícias para um tipo de experiência muitas vezes rara nas urbes contemporâneas, a saber, a experiência urbana da alteridade, do encontro com a diferença. Segundo ela, as narrativas urbanas resultantes das práticas errantes, “sua forma de transmissão e compartilhamento, podem operar como potente desestabilizador de algumas das partilhas hegemônicas do sensível e, sobretudo, das atuais configurações anestesiadas dos desejos” (JACQUES, 2012, p.11). Ou seja, as errâncias urbanas se coadunam – na metodologia aqui empregada – às experiências de apreensão e investigação dos espaços, enfatizando a experiência do corpo e da alteridade na cidade; assim, salientam as potências da vida coletiva e da multiplicidade do urbano, fazendo-nos ultrapassar olhares e apreensões que focalizam apenas a cidade midiaticizada e hegemonicamente visível (que se mostram apaziguada em espaços higienizados).

Caiafa (2002) afirma que a cidade é a convergência de fluxos diversos que provocam um território heterogêneo, o que já configura um espaço comunicacional. Portanto, experienciar a cidade já é uma formulação de afetação de comunicação a partir desses fluxos de diferenças. Conforme Caiafa (2017), a noção de comunicação urbana colabora para a compreensão da cidade a partir de meios, mediações e redes que se formam e se refazem constantemente a partir das práticas culturais, processos comunicacionais e políticos, mobilidades, imaginários produzindo maneiras de conectar sujeitos com os espaços urbanos articulando sob uma perspectiva comunicacional a territorialidade do entorno e do próprio Parque Minhocão.

Os sujeitos vivem no limite entre a fixação e a mobilidade, entre a exclusão e a resistência, o que nos leva a uma compreensão crítica e plural do território

e de suas implicações sociais. No caso do Parque Minhocão, importante atentar para como isso gera dicotomias e contradições nos espaços. Portanto, objetiva-se analisar esses aspectos – na pesquisa mais ampla da qual este artigo é um excerto – e contribuir para uma visão mais abrangente do ambiente urbano em questão, buscando compreender suas complexidades, desafios, potenciais transformadores e sentidos comunicacionais. Ao compreender as narrativas das territorialidades urbano-comunicacionais do Parque Minhocão e seu entorno, se buscará promover uma análise crítica e plural do território e de suas implicações sociais, nas tensões e contradições entre a imagem de uma cidade acolhedora na parte superior e a realidade social precária na parte inferior do elevado.

4. EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA

Sob o sol alto do meio-dia, é possível sentar-se em um dos bancos instalados pela prefeitura no Parque Minhocão. Ali, ao contemplar o horizonte, depara-se com uma extensa tonalidade de cinza que contorna toda a paisagem. O asfalto gris e o céu azul de um sábado de outono contrastam, enquanto os edifícios evocam tempos diversos e pessoas passam, em um momento sem pressa no meio da cidade de São Paulo. É fácil se acostumar com essa paisagem.

Desde 2014, quando foi fechado aos carros nos finais de semana, o elevado Pres. João Goulart, virou um espaço de arte e socialização para diversos artistas, coletivos e atores urbanos. No meio dessa ambiência, em uma varanda de um dos prédios que cercam o elevado, um cartaz trazia a frase “o amor é um ato revolucionário”. Parecia que o amor estava ali representado naquela via elevada: um amor pelo espaço urbano, lembrando que as ilustrações nos enormes murais nas fachadas cegas dos edifícios levantam pautas sobre identidades étnico-raciais.

A impressão que se tem ali é que a cidade de São Paulo é acolhedora, repleta

de expressões artista e uma eficiente organizadora de locais de lazer público, pois uma estrutura é montada por todo o trajeto do parque com bancos, *puffs*, espreguiçadeiras, banheiros químicos, jogos em tamanho grande (como xadrez e dama) no chão, área de patins e para manobras de skate e diversos monitores para organizar as atividades.

Havia ainda grande quantidade de pessoas se exercitando, utilizando bicicletas, patins ou apenas caminhando devagar conversando com conhecidos. Percebe-se a grande quantidade de pessoas brancas, que aparentavam ser das camadas sociais médias e altas por seus equipamentos, roupas e até pelas conversas ouvidas sobre finanças e viagens. Em outros pontos do parque, vê-se maior ou menor diversidade étnico-racial, geracional e de classe social. Observa-se uma mulher negra com uma câmera fotográfica, recostada em um dos bancos instalados provisoriamente; ela fotografava sua bicicleta que levava na cestinha da parte da frente um cachorro de porte pequeno.

Atentando para os edifícios, é possível perceber uma mistura intrigante de arquiteturas e estilos distintos, cada um carregando a marca do seu tempo, como se fosse uma viagem por diferentes épocas. Algumas construções antigas, com fachadas desgastadas pelo tempo, com certas linhas clássicas e bem ornamentadas, levando a crer que estas estruturas já foram o centro das atenções e representantes de inovação em outros tempos. Entre inúmeros prédios, erguem-se edifícios com design contemporâneo, com linhas limpas e minimalistas que vão contrastando com as construções anteriores. Outros edifícios vão sendo recuperados, revividos, revigorados para assumirem um ar moderno recebendo cores diferentes e/ou pinturas de arte urbana. Essa variedade visual é um lembrete constante da transformação da cidade ao longo dos anos e das transformações daquela região da cidade (Barra Funda, Vila Buarque, República, Sta. Cecília, Higienópolis).

Em outro dia, um sábado de junho de 2023, o olhar se deteve nos murais de arte urbana que decoram as laterais de vários prédios ao longo dos 3,4 Km do elevado e criam um contraste entre o cinza do concreto, o fenômeno temporal dos prédios, as poéticas das pinturas e as cores vivas das tintas. Cada mural expressa em sua singularidade uma mensagem, um estilo, uma identidade, uma crítica ou uma homenagem que fazem referências à cultura brasileira, à natureza, à política, à religião, ao humor e à poesia, trazendo visibilidade à diversidade e pluralidade das questões urgentes do contemporâneo, interagindo com o público que circula pelos espaços públicos, gerando reações, reflexões e sensações. Além disso, a arte urbana transforma os espaços públicos, atribuindo-lhes novos significados, cores e formas, valorizando-os ou questionando-os. As linhas curvas e fluidas das obras convergem com as formas do elevado e denotam o dinamismo do espaço evocando um impacto positivo das abordagens visuais e da estética urbana do entorno do Minhocão, expressam memórias e identidades dos artistas e dos moradores da região, que se apropriam desse espaço público como um lugar de convivência, lazer e cultura.

As pinturas murais não estão presentes em todos os prédios do entorno do Minhocão, estão localizados em pontos distribuídos estrategicamente para, de fato, impactar visualmente a paisagem, já que ocupam laterais inteiras dos edifícios, constroem uma tensão visual, enfatizando o contraste não só das cores, mas também do visual do posicionamento das obras, o que gera uma narrativa de interação social a aproximação dos atores urbanos com as narrativas presentes nas obras.

Nos murais, observa-se uma mulher negra com uma bacia de livros na cabeça, aludindo a uma lavadeira, que carrega roupas na cabeça; uma menina negra feliz, segurando um espelho; a mão de uma pessoa negra salvando outra pessoa; a imagem de uma "Ave Maria" católica negra segurando um extintor de incêndio (objeto modificado e utilizado por pichadores para pintar mais

rápido suas expressões pela cidade); e uma mulher negra com um turbante na cabeça envolta de uma aura, como em obras de arte católicas com santos. Há também um mural de uma mulher negra representando uma enfermeira do SUS, como homenagem àqueles que estavam expostos ao vírus da Covid-19 durante a pandemia. Murais que representam e apresentam positivamente bem como buscam visibilizar grupos subalternizados como negros, mulheres, indígenas e grupos LGBTQIA+. Sobre esses últimos, pode-se ver figuras estilizadas com os dizeres “love” e “livre para amar”, remetendo à diversidade de gênero/sexualidade e das relações entre as pessoas, enfatizam a importância da inclusão, do respeito e da aceitação das diferentes identidades e orientações sexuais.

Figura 1: Grafites vistos do Parque Minhocão.



Fonte: Fotos de Rodolpho Pacolla em 08/06/2023.

Além disso, as obras de arte no Parque Minhocão têm um impacto cultural ao contribuir para a criação de um espaço público que representa e celebra a diversidade e a pluralidade da sociedade. Caminhar pelo Parque Minhocão permite compreender que ali foram criados espaços públicos de expressão social, que podem estimular o sentimento de pertencimento e inclusão de mais cidadãos à urbe, na medida em que os grafites e murais trazem representações plurais de corpos, etnias e identidades. E isso ocorre exatamente em territorialidades urbanas que se encontram na atualidade em disputa entre as lutas dos que buscam uma cidade mais acessível e democrática e os interesses gentrificadores em voga na região. Formas

artísticas e simbólicas são utilizadas para comunicar e sensibilizar sobre temas políticos, sociais, identitários e ambientais que afetam a vida urbana, transformando a paisagem e o ambiente da cidade e criando outras possibilidades de interação e convivência entre as pessoas e a natureza, algo que evidencia as dimensões sensíveis na cidade.

No entanto, contrasta-se fortemente com esta ambiência a parte inferior do elevado. Na pesquisa de campo enfatiza-se a observação não apenas da via elevada (onde se localiza o parque), como também o térreo das vias, a parte que fica embaixo do Minhocão, caminhando por toda a extensão sob o viaduto: as ruas Amaral Gurgel, Consolação, Martim Francisco, Major Sertório, Graça, Albuquerque Lins, entre outras. A realidade ali é crua e precarizada, tanto no que se refere à paisagem urbana e social, como em relação às pessoas que ali vivem nas ruas. O ambiente é insalubre, com poluição atmosférica e acústica e pouca iluminação, o que vem sendo apontado por vários críticos da construção do parque elevado, como já argumentamos.

O sol aparece pelas frestas entre os edifícios e o elevado e, portanto, uma grande sombra paira na parte inferior, desencadeando uma queda na temperatura. Há muitas pessoas vivendo em situação de rua, andando ou deitadas em qualquer pedaço de chão, destacando a desigualdade que corrói o tecido social⁴.

Figura 2: Baixios do Elevado João Goulart.



Fonte: Google.

A falta de zeladoria do poder público e o acúmulo de lixo e sujeira contribuem para uma atmosfera opressiva. O cheiro no ar é desagradável: odor de urina, mofo e outros permeiam o ambiente, criando uma sensação de desconforto

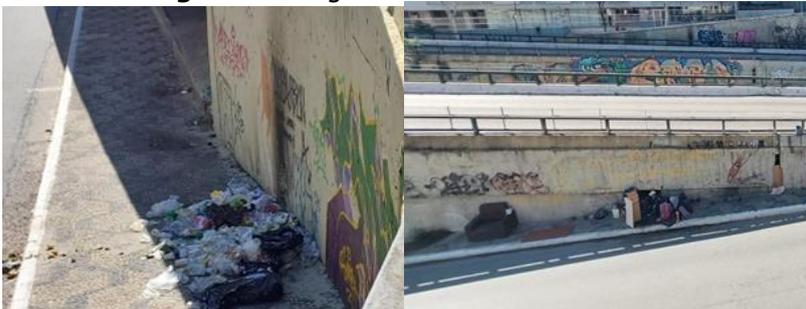
constante. Sacos de lixo se acumulam nas calçadas, entrelaçados com a rotina urbana. É uma lembrança gritante de como a falta de infraestrutura e planejamento urbano adequados contribuem para a degradação do ambiente e para a saúde precária daqueles que vivem ali. É perceptível que em cima do elevado, o Parque é um espaço que vem sendo pensado, cuidado, fomentado e enaltecido; e embaixo, um espaço invisibilizado, combatido e esquecido. Na parte de cima, arte ativista, plural e de resistência; embaixo grafite como protesto, pichação e muita sujeira. Na parte de cima, bancos, *puffs*, espreguiçadeiras; na parte de baixo, não há nenhum lugar para se sentar que não seja o próprio asfalto ou concreto. Na parte de cima, uma vida voltada para o lazer, esporte, arte, cultura e bem-estar; embaixo abandono, descaso, miséria, sujeira.

Figura 3: Imagens do Parque Minhocão.



Fonte: Instagram do Parque Minhocão (08/06/2023).

Figura 4: Imagens dos baixios do Elevado.



Fonte: Fotos de Rodolpho Pacolla em 08/06/2023.

No meio dessa caminhada pelas ruas abaixo do viaduto, nota-se um bar de esquina com mobiliário que remete a outras décadas; contornando o espaço,

sobem grades do chão ao teto. Conversando com o dono do local, ele conta que está naquele ponto há quinze anos e não deu muita importância à constituição do Parque Minhocão, como se isso não afetasse a vida dele, evidenciando que ali não há um aumento ou diminuição no fluxo de pessoas e no consumo nos dias em que o parque funciona. Em seguida, um homem em situação de rua carregando um cobertor e descalço foi atendido pelo dono do bar, recebendo uma garrafa de água. É possível observar que os passantes ou pedestres andam com pressa, quase sem atentar para o entorno com cabeças baixas ou firmes no destino de chegada. Não se apreciam as coisas; afinal, o que há ali para apreciar?

Ainda em junho de 2023, foi realizada outra caminhada na parte abaixo do viaduto numa segunda-feira de tarde. Ou seja, num dia em que o Parque Minhocão (na parte de cima) não existia e a pista elevada estava sendo ocupada por veículos automotores. E o cenário que se via era o mesmo: pressa, sujeira, barracas e descaso. Algumas construções de novos edifícios surgiram, com promessas de lazer, ótima moradia e custo-benefício, o que pode ser observado num folder imobiliário recebido mostrando plantas do futuro apartamento à venda, contatos do corretor imobiliário, e um mapa mostrando a excelente região com diversos comércios e opções de lazer. Vende-se a ideia de uma região ideal para se viver e usufruir da cidade, mas ao passar em frente do local da construção em questão, avista-se uma pessoa deitada em um colchão dividindo uma coberta com um cachorro.

Assim, percebe-se uma contradição entre o que ocorre na parte de cima, no parque Minhocão e a parte de baixo, espaços nos quais constituem-se territorialidades urbano-comunicacionais diversas e em conflito (PEREIRA *et al*, 2024). Conforme Corrêa (1999), o espaço urbano é um produto social, resultado de ações acumuladas ao longo do tempo, envolvendo agentes que o produzem, usam e dele se apropriam. Esse espaço é fragmentado, articulado, condicionado, simbólico e conflituoso.

Campos (2020) acrescenta que o espaço urbano não possui um significado fixo, mas é constantemente criado e moldado pelas ações não planejadas dos sujeitos, que recebem o espaço historicamente constituído e o transformam de acordo com as demandas de suas vidas sociais, lutas políticas, o que se articula à noção de território/territorialidades (HAESBAERT, 2014), como sendo âmbito constante de dimensões de poder, mas também de apropriações; algo dinâmico e vivo.

No caso específico do Parque Minhocão, a dimensão criativa e lúdica é essencial para compreender como ocorre o processo de democratização de áreas privadas ou restritas da cidade, que são incorporadas pelas pessoas como espaços públicos ou coletivos (PEREIRA; RETT; BEZERRA, 2021). Vale refletir sobre até que ponto o Parque Minhocão é um espaço coletivo de comunicação da diferença (CAIAFA, 2020), que conjuga diferentes trajetórias, rotas e fluxos pessoais e coletivos da cidade; ou se torna um espaço de iguais, deixando de fora o que se passa nos seus entornos.

Foi inevitável perceber a dimensão conflitiva dos espaços e territorialidades urbanas, ressaltando o quanto a área do entrono do Parque Minhocão passa por disputas entre atores variados. Ao observar a paisagem urbana e a transformação do ambiente dos edifícios próximos ao Minhocão, é possível perceber que há dimensões do que Glass (1964) chama de gentrificação. Esse fenômeno ocorre quando uma região antes habitada por pessoas de baixa renda é transformada em uma área elitizada, com caros lançamentos imobiliários e toda uma dinâmica de produção e consumo cultural e material atraindo moradores e frequentadores com maior poder aquisitivo, ao mesmo tempo em que os antigos moradores são dispersos para regiões distantes.

Essa mudança no perfil socioeconômico e cultural do local resulta na perda da diversidade sociocultural do espaço urbano. A gentrificação é impulsionada

pela especulação imobiliária, pelos interesses do urbanismo excludente, crescimento do turismo, pelas obras públicas e pela legislação urbana, raramente considerando os interesses coletivos ou as necessidades sociais (HARVEY, 2012). Observam-se diversos aspectos que revelam as dicotomias, como a presença de edifícios mais altos e outros mais baixos, com padrões econômicos mais ou menos elevados, em contraste com construções de décadas anteriores e, em sua maioria, decadentes. Também se notam áreas de lazer e obras de arte imponentes e coloridas no entorno agregando valor estético às fachadas cegas dos edifícios.

Segundo Lefebvre (2001), as desigualdades no direito à cidade são constantemente reinventadas por meio de um processo dinâmico de "explosão-implosão" e "criatividade-destruição" baseado no impulso incessante do capital em busca de lucro que desempenha um papel poderoso na produção e transformação das configurações socioespaciais urbanas. Isso destaca as contradições e desigualdades presentes na territorialidade do entorno e no Parque Minhocão, revelando as dinâmicas sociais, urbanas, políticas e econômicas que moldam os espaços urbanos e como o planejamento urbano e as práticas sociais influenciam a distribuição desigual de recursos, serviços e oportunidades nas cidades. A gentrificação e higienização social e urbana resultam em um empobrecimento cultural e na perda da diversidade que torna as cidades vibrantes e únicas.

Figura 5: Imagens das construções do entorno.



Fonte: Fotos de Rodolpho Pacolla em 14/05/2023.

Essas dinâmicas são percebidas e sentidas pelo corpo das pesquisadoras na

rua; corpos em ação e em comunicação com os espaços, pessoas e atores humanos e não humanos da paisagem. Um sentido de corpografia urbana (JACQUES, 2008) faz-se presente, em que uma cartografia da cidade vai sendo construída pelo corpo e no corpo de quem investiga, caminha, afeta e é afetado pela cidade. Essa efetivação corporal vai sendo inscrita no cotidiano dos registros das experiências etnográficas numa espécie de grafia urbana da simbiose entre os corpos e a cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, foram apresentados aspectos de uma pesquisa ainda em desenvolvimento por meio de uma experiência etnográfica errante nas diferentes partes do Elevado Presidente João Goulart, tanto sua parte elevada usada como Parque Minhocão, como seus entornos abaixo do viaduto. Explorou-se as ruas adjacentes e as dinâmicas urbanas e socio-comunicacionais presente nesses espaços, reconhecendo a importância de um olhar atento para compreender a cidade em sua complexidade de interesses, atores e disputas.

É possível perceber que as ruas e demais espaços públicos desempenham um papel fundamental como local comunicativo de encontro, convivência, diálogo e troca entre as diversos grupos e modos de vida que coexistem na cidade (GEORGIU, 2016), ainda que isso por vezes ocorra de maneira parcial ou interdita, em que a cidade se revela como uma estrutura complexa, repleta de significados e constantemente em transformação, feito de poderes e apropriações por parte dos atores sociais.

Dessa forma, procurou-se demonstrar o uso de uma abordagem metodológica que se vale do caminhar como prática estética e política com uso de ferramentas da antropologia/etnografia, comunicação e urbanismo para compreender as dinâmicas e desafios presentes no ambiente urbano em tela. A exclusão social, as desigualdades urbanas, a violência, as formas de

resistência urbana e social e a diversidade cultural foram destacadas como elementos importantes a serem considerados.

Retomando os argumentos de Jacques (2012) e Careri (2013), há concordância com os autores quando afirmam que a configuração das cidades seria outra, caso o uso do corpo-andante (flanar, derivar, errar) fosse usado como motor para ultrapassar as noções do poder urbanístico clássico e funcionalista para abordar, sim, as dimensões estéticas e sensíveis do uso e da apropriação das cidades pelas pessoas. Outros sentidos de cidade podem surgir nas margens, no implícito, nos vazios, nas brechas, nos espaços liminares, nos vazios e cicatrizes urbanas para a possibilidade de encontrar, conviver e interagir com a diferença e alteridade na cidade. Ao fazer uso da noção de etnografia de rua, tem-se um

desenvolvimento da observação sistemática de uma rua e/ou das ruas de um bairro e da descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a rotina da rua e bairro, dos imprevistos, das situações de constrangimento, de tensão e conflito, de entrevistas com habitués e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia a dia na cidade. (ROCHA; ECKERT, 2003, p. 5).

Ao buscar as formas de captar a cidade pelo olhar de quem caminha pelo espaço, tem-se uma imersão na experiência de uma cidade viva (SILVA *et al*, 2008). Nesse sentido, ao adentrar o cotidiano da cidade praticada (CERTEAU, 1994) pela observação sistemática e as dimensões sensíveis aí envolvidas, como apontam Rocha e Eckert (2003), há um elogio das práticas errantes como possibilidade da experiência corporal das cidades (JACQUES, 2012) e a possibilidade de encontro com o Outro, o diferente (CARERI, 2013). O Outro pode ser compreendido ao direcionar o foco de análise para as astúcias, antidisciplinas e táticas certeunianas (CERTEAU, 1994) que alteram ou negociam com os poderes hegemônicos e que podem permitir encontrar dimensões conflituais e dissensos não apaziguados ou camuflados nas cidades.

Dessa maneira, a interação sensível dos corpos dos/das pesquisadores/as com

a cidade é instrumento e estratégia privilegiada para captar brechas e fissuras possíveis na vida urbana, para compreender como se elaboram formas de se apropriar dos espaços da cidade, bem como perceber as contradições que deles emergem. Nas derivas, errâncias e transurbâncias realizadas, podemos atravessar labirintos da cidade entre o cheio/vazio, em cima/abaixo, beleza/degradação urbana, dando a ver como estes territórios não podem ser apartados entre zonas opacas e luminosas – lembrando Milton Santos (2002) – mas em que os corpos pulsantes, vivos e pensantes podem contribuir para subverter estruturas e relações sociais pré-estabelecidas.

Como sugere Jacques (2012, p.39),

ao traçar este pequeno histórico das narrativas errantes, notamos que as experiências erráticas buscam recorrentemente as brechas, margens e desvios dos holofotes do espetáculo urbano e que, assim, como os vaga-lumes de Georges Didi-Huberman, esses 'seres luminescentes, dançantes, erráticos e resistentes' sobrevivem, mesmo quando reduzidos à clandestinidade de simples lampejos. A sobrevivência dos lampejos errantes dos vaga-lumes é potente, apesar de frágil, assim como a sobrevivência teimosa dos próprios errantes urbanos, que erram pela opacidade – pela opaca cidade ou cidade opaca – e resistem aos projetores do espetáculo da cidade luminosa.

Finalizamos com a inspiradora ideia-metáfora de Jacques (2012) sobre os vaga-lumes, na qual as brechas para a vida em metrópoles como São Paulo se mostram possíveis de maneira errática através das narrativas errantes - como esta apresentada neste artigo - fruto do exercício sensível. Elas podem ser uma ferramenta de apreensão da cidade, mas também de ação urbana, ao des-esterilizar e des-domesticar as experiências urbanas e evidenciar desvios das noções de cidade moderna segregada capitalista, sendo uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência a isso.

REFERÊNCIAS

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 7, n. 14, p.1-10, 2020.

CAIAFA, Janice. Apresentação ao Dossiê Comunicação Urbana. **Ecopós**. Rio de

Janeiro, v.20, n.3, p. 1-9. 2017.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades. **Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**. n.18, p.91-101, 2002.

CAMPOS, João Pedro. Emergência urbana: criação de espaço público e o nascimento do 'Parque Minhocão' na cidade de São Paulo. **Ponto Urbe** [Online], n. 26, 2020.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Ed. G.Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1999.

CHUVA, Marcia Romeiro. Entre a herança e a presença: o patrimônio cultural de referência negra no Rio de Janeiro. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, vol. 28, p. 1-30, 2020.

DEBORD, Guy. Manifeste international situationniste. **Internationales Situationniste**. n.4, 1960.

GERGIOU, Myria. Conviviality is not enough: a communication perspective to the city of difference. **Communication, Culture & Critique**. n. 10 v.2. p. 261-279. 2016.

GLASS, Ruth. **London: aspects of change**. London: Mac Gibbon and Kee, 1964.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transteritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, 2012.

JACQUES, Paola. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JACQUES, Paola B. Corpografias urbanas. **V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador/Bahia. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14401-03.pdf> Acesso em: 13 jul. 2023.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

PEREIRA, Simone Luci et al. Territórios, deslocamentos, comunicação urbana: uma análise do documentário Oxente, Bixiga! **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, 2024 (no prelo).

PEREIRA, Simone Luci; BEZERRA, Priscila Miranda. Ocupar, comunicar, habitar: un análisis de la ocupación artística "Ouidor 63" en el centro de São Paulo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación - ALAIC**. v. 20, n. 37, p.89-99, 2021.

PEREIRA, Simone Luci; RETT, Lucimara; BEZERRA, Priscila. Músicas e sons que ecoam

pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta. **E-Compós**. Brasília, v.24. p.1-22. 2021.

RAPOSO, Paulo. Ativismo: articulando dissidências, criando insurgências. **CADERNOS DE ARTE E ANTROPOLOGIA** [Online], v.4, n.2, 2015.

ROCHA, Ana Luísa; ECKERT, Cornélia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana". **Rua - Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP**. Campinas. n. 9, p. 101-127, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SILVA, Regina Helena Alves et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. **E-Compós**, Brasília, v.11, n.1, p. 1-17, 2008.

Notas:

¹ Uma versão reduzida e preliminar deste artigo foi apresentada no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, no 46º Congresso INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação INTERCOM. Belo Horizonte/MG, PUC Minas, setembro de 2023.

² Conforme as informações do site da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), o Minhocão recebe em média a circulação de 80 mil veículos automotores por dia de segunda a sexta-feira das 07h às 20h.

³³ Vale lembrar que, em 2016, foi também sancionada lei que mudou o nome do viaduto de Pres. Costa e Silva para Pres. João Goulart, também como fruto também das demandas pela apropriação da cidade.

⁴ Por considerarmos invasivo fotografar as pessoas, as imagens abaixo são advindas do "Street View" do Google - que fotografa as ruas com uma câmera esférica – com imagens capturadas em 2023.

SOBRE AS AUTORAS:

Simone Luci Pereira

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Ciências Sociais – Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com Pós-Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora (Bolsista de Produtividade em Pesquisa) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Líder do Grupo de Pesquisa URBESOM - Culturas Urbanas Música e Comunicação (CNPq).

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-7412-2129>

E-mail: simonelp@uol.com.br

Andreia Lazzari Chiovatto

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Bolsista UNIP. Graduada em Artes Visuais pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa URBESOM - Culturas Urbanas Música e Comunicação (CNPq).

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-5121-8199>

E-mail: chiovatto.andreia@gmail.com

Artigo recebido em: 02 out. 2023. | Artigo aprovado em: 23 maio 2024.